

## COLUNA DO CASTELLO

## Sarney força o caminho do pacto

**J**Á há mais objetividade na proposta do Presidente José Sarney de promover um pacto nacional em substituição ao projeto inicial de fazer um mero pacto político. Ele deseja que a base do entendimento que procura entre as diversas correntes de opinião do país se desloque do político para o econômico e o social, para finalmente refluir ao político, área em que as decisões ganham forma e os compromissos se materializam.

Supõe-se que ele queira inicialmente suporte de opinião e conjugação de interesses que o fortaleçam na tomada de decisões, que reivindica para si, relacionadas com o combate à inflação, os métodos mais eficazes de redução dos gastos internos, a possível geração de novos impostos que não afetem a parte mais sacrificada da população, uma diretriz para reforma da legislação social que seja aceita por empresários e empregados, um consenso sobre a linha de negociação com os banqueiros internacionais que, sem abjurar compromissos assumidos, defina os limites dentro dos quais o Brasil possa pagar sua dívida sem impor sacrifícios excessivos à sua economia e ao padrão de vida do povo, etc.

Para tanto ele está realizando reuniões metódicas. A primeira envolveu os ministros da área econômica e os de sua assessoria imediata com os representantes das diversas correntes que se divide a comunidade de economistas. A segunda se realizará na próxima semana com empresários e o mesmo escalão ministerial, possivelmente acrescido dos ministros do Trabalho e da Previdência Social. Há a expectativa de que os setores da Igreja empenhados na questão social sejam igualmente trazidos ao debate, tanto quanto a Ordem dos Advogados (que homenageará o Presidente, no Rio, no dia 3 do próximo mês), a Associação Brasileira de Imprensa e outras instituições representativas do universo cultural e econômico do país. A última reunião dessa série, segundo a previsão do Palácio, será com as lideranças sindicais do campo e da cidade, segundo critérios ainda não definidos.

Esses encontros devem ser considerados como preliminares. Serão eles informativos e, gravados, servirão de elementos de estudo e exame pessoal pelo Presidente e por seus assessores de alto nível, que começam a se agrupar no Palácio do Planalto. O Presidente Sarney tem o hábito de escrever os seus próprios discursos, segundo a velha tradição republicana anterior ao ceticismo literário de Getúlio Vargas. Mas dada a extensão da matéria é possível que ele peça à assessoria um texto que fixe suas opções pessoais, ao qual dará sua redação final.

Então se passará a uma segunda e decisiva etapa. O debate com todos os partidos políticos em busca de um consenso que respalte a ação política do Governo e antecipe diretrizes harmoniosamente aceitáveis para a elaboração da futura Constituição da República. O Deputado Ulysses Guimarães, como presidente do maior partido e do que dá a principal sustentação política ao Governo, está convidado a assumir a coordenação dessa etapa, convocando os partidos e dando aos debates que se travarem na granja do Torto sua dimensão política e sua viabilidade política.

O Deputado paulista ainda parece hesitante em assumir um papel que lhe parece deva ser exercido pelo próprio Presidente. O Presidente está fazendo a sua parte e propõe que os partidos, sem exclusão de qualquer deles, sob a coordenação do Sr Ulysses Guimarães, examinem em princípio a aceitabilidade do pacto nacional. E verifiquem posteriormente se as conclusões dos debates do Torto são bases aceitáveis para um compromisso que assegurará uma estratégia de curto prazo — combate a problemas específicos, já enumerados — e de longo prazo, que é o lineamento da futura Constituição, a qual não deve ficar ao sabor de experiências aventureiras.

É claro que as reuniões que o Presidente promove e a articulação dos partidos que convergirão em certo momento para a decisão final do Presidente fornecerão a principal matéria-prima para o trabalho da comissão constitucional que será presidida pelo professor Afonso Arinos, sobre cuja idoneidade intelectual políticos da esquerda independente levantam suspeitas, como se se tratasse de um mero agente de interesses conservadores.

O pacto não é fácil. A negociação será trabalhosa e o consenso improvável na medida em que o sectarismo brasileiro não foi muito abalado pelos anos de regime militar. Mas o Sr Sarney entendeu do seu dever fazer a tentativa. E a está tocando contra o ceticismo generalizado nos meios políticos.